



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

VERÔNICA MARIA DA SILVA DE SIQUEIRA

**A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM MADALENA EM SÃO
BERNARDO: PROPRIEDADE, CASAMENTO E REIFICAÇÃO**

CAMPINA GRANDE

2019

VERÔNICA MARIA DA SILVA DE SIQUEIRA

**A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM MADALENA EM SÃO
BERNARDO: PROPRIEDADE, CASAMENTO E REIFICAÇÃO**

Artigo científico apresentado à Coordenação do Departamento de Letras e Artes, do curso de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título da graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr.^o Ricardo da Silva Soares

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S618f Siqueira, Verônica Maria da Silva de.
A figuração da personagem Madalena em São Bernardo [manuscrito] : propriedade, casamento e reificação / Verônica Maria da Silva de Siqueira. - 2019.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Ricardo da Silva Soares ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Processo de reificação. 3. Relação de poder. I. Título
21. ed. CDD 801.95

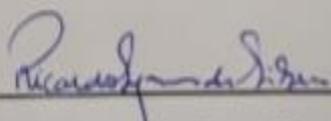
VERÔNICA MARIA DA SILVA DE SIQUEIRA

A FIGURAÇÃO DA PERSONAGEM MADALENA EM SÃO
BERNARDO: PROPRIEDADE, CASAMENTO E REIFICAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Coordenação do
Departamento de Letras e Artes, do
curso de Licenciatura Plena em Letras,
habilitação em Língua Portuguesa, da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título da graduação em Letras.

Aprovada em: 12/08/2019

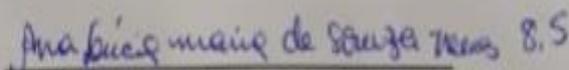
BANCA EXAMINADORA



8,5

Prof. Dr. Ricardo da Silva Soares (Orientador)

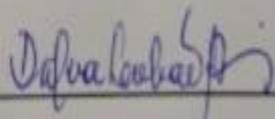
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



8,5

Profª. Drª. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



8,5

Profª. Drª. Dalva Lobão Assis

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e fé para eu não desistir, por ter me sustentado e trazido para a minha vida pessoas boas,abençoadas durante todo o tempo que estive na UEPB.

A minha mãe, por ter provido meios para que um dia eu chegasse até a UEPB e sempre proporcionou recursos para me ajudar na caminhada do curso, além de doar-se com seu amor incondicional

A minha amada irmã Patrícia, que por tantas vezes me fez sentir forte ,quando me faltavam forças para continuar .

A minha amiga-irmã que a UEPB me deu, minha querida Li, que foi minha grande incentivadora, para que eu não desistisse de tudo na reta final, que me deu amor de irmã e que esteve comigo em todos os momentos da minha vida desde 2010, uma irmã que amarei por toda a minha vida.

A minha querida Lucielma, secretária do curso de Letras, que me atendeu generosamente com tanto carinho, amor e atenção, que me deu palavras de incentivo, que me encorajou e me lembrou de que eu seria capaz de ir até o fim.

A Célia, também secretária do curso de Letras, pela sua atenção e educação.

A professora Dalva, que também me deu amor, incentivo, coragem, ânimo, que tantas vezes parou para agir comigo como uma mãe que tenta guiar seu filho no caminho que ele deve seguir, alguém que aprendi a amar muito, por ser tão humana e que me deu a honra de participar da minha banca.

À professora Kalina, que com sua generosidade, humildade e paciência, me deu a mão por muito tempo, que cedeu para mim um vasto material acadêmico para eu fazer esse trabalho, que fez de tudo para me ajudar, um exemplo de professora, exemplo da real função do professor na vida do aluno.

Ao meu querido orientador professor Ricardo Soares, pelo apoio, paciência, dedicação e amor comigo, por não ter desistido de mim, mesmo quando eu mesma não acreditava mais no meu potencial, alguém que me ensinou lições de humildade, amor e generosidade, um professor que levarei para sempre no meu coração.

Aos meus queridos amigos Gustavo e Osires que torceram por minha conquista.

A minha querida UEPB, que me manteve vinculada por todo esse tempo e que por esse motivo indiretamente me ajudou a concluir o curso.

Conheci que Madalena era boa em
demasia, mas não conheci tudo de
uma vez. Ela se revelou pouco a
pouco, e nunca se revelou
inteiramente. A culpa foi minha, ou
antes, a culpa foi desta vida agreste,
que me deu uma alma agreste. E,
falando assim, compreendo que
perco o tempo. Com efeito, se me
escapa o retrato moral de minha
mulher, para que serve esta
narrativa? Para nada, mas sou
forçado a escrever.
Graciliano Ramos

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de reificação ao qual a personagem Madalena é submetida pelo marido, Paulo Honório, a partir de um casamento contratual. A oposição existente entre as personagens serviu como nosso objeto de análise para confirmar a reificação de Madalena no romance São Bernardo de Graciliano Ramos. Sendo assim, o trabalho foi dividido em três partes: No primeiro momento foram analisados o contexto histórico do Brasil da década de 1930; as relações de propriedade de Paulo Honório com o trabalho, a fazenda, os funcionários e a apropriação de Madalena; Já na segunda parte foi estudado o processo de reificação de Madalena, a objetificação da mulher e a vitória dessa reificação acompanhada da derrota do anti-herói e por último, as considerações finais acerca do estudo dessas problemáticas na obra. Para fundamentar o estudo, utilizou-se os apontamentos teóricos de Hall(2006), Meireles(2014), Silva(2009), Duarte(2000) Cândido(1961), Lafetá (1946) e Nunes e Morais(2019).

Palavras- Chave:Reificação. Propriedade. Relações de poder.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the process of reification to which the Magdalene character is submitted by her husband, Paulo Honório, from a contractual marriage. The opposition between the characters served as our object of analysis to confirm Madalena's reification in the novel *São Bernardo* de Graciliano Ramos. Thus, the work was divided into three parts: In the first moment, the historical context of Brazil of the 1930s was analyzed; Paulo Honório's property relations with the work, the farm, the employees and the appropriation of Madalena, while in the second part the process of the Magdalene's reification, the objectification of the woman and the victory of this reification accompanied by the defeat of the anti- and finally, the final considerations about the study of these problems in the work. To support the study, the theoretical notes of Hall (2006), Meireles (2014), Silva (2009), Duarte (2000) Cândido (1961), Lafetá (1946) and Nunes and Morais (2019) were used.

Keywords: Reification. Property. Power relations.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2.0 SÃO BERNARDO E O BRASIL DA DÉCADA DE 1930	12
2.1 AS RELAÇÕES DE PROPRIEDADE DE PAULO HONÓRIO COM O TRABALHO, A FAZENDA E OS FUNCIONÁRIOS	15
2.2 A RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO X MATRIMÔNIO: A APROPRIAÇÃO DE MADALENA.....	21
3.0 REIFICAÇÃO DE MADALENA	26
3.1 OBJETIFICAÇÃO DA MUHER.....	26
3.2 VITÓRIA DA REIFICAÇÃO E DERROTA DE PAULO HONÓRIO	29
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1930, uma série de mudanças aconteceu no Brasil, inclusive na literatura brasileira e é em meio a essa avalanche de modificações na história do nosso país, que surge a obra *São Bernardo*, escrita em 1934 por Graciliano Ramos.

São Bernardo é um romance regionalista, que fez parte do grupo de obras chamado “Ciclo da seca”, da segunda fase do modernismo brasileiro e que retrata bem o cenário da seca nordestina através do comportamento, da fala de suas personagens e da própria escrita enxuta e objetiva do texto.

Historicamente o Brasil vivia naqueles dias um momento de transição, de incertezas, tendo em vista que estava saindo da República das Oligarquias e entrando na Era Vargas, período em que a elite rural estava entrando em declínio e o crescimento do proletariado urbano estava acontecendo.

Utilizando-se de uma linguagem objetiva, escrita em primeira pessoa, seguindo um estilo psicológico através da obra modernista de *São Bernardo*, Graciliano traz ao leitor um novo tipo de romance que vai se preocupar muito mais com as questões ideológicas representadas por um “romance social” nordestino do que com a questão estética do texto.

A presença dessa ideologia será marcante, uma vez que o autor apresenta alguns problemas enfrentados no Nordeste brasileiro nessa época, baseando-se numa literatura mais realista no momento em que dá vida à personagem Paulo Honório, seu processo de reificação sobre a fazenda *São Bernardo*, os funcionários e sobre a esposa Madalena.

Sendo assim, é apresentado ao leitor em primeira pessoa, no Brasil da década de 1930, o movimento de desumanização do narrador Paulo Honório que vai desde a ascensão até o seu declínio econômico-social que ocasionam a falência da fazenda e a derrota desse anti-herói.

Paulo Honório é um sujeito rude, seco, como a região que ele representa, que age na maior parte do tempo de forma desumana. Representando o chamado “capitalismo selvagem”, é capaz de qualquer ato para conseguir os seus objetivos, tratando todos ao seu redor como sua propriedade, um objeto comprado por ele, inclusive a sua esposa, Madalena.

Tendo em vista que o casamento de Paulo Honório com Madalena é dado como mais um dos seus contratos sociais, surge daí a idéia que será desenvolvida mais adiante neste trabalho de analisar o contexto sócio-político do Brasil de 1930, o comportamento da personagem Paulo Honório levando em consideração suas relações de reificação com a fazenda São Bernardo, os funcionários e a esposa Madalena, como o narrador concebe a divisão de trabalho, de poder e como a personagem Madalena reage diante desse processo de reificação imposto pelo marido através de um casamento contratual em que a realização de um matrimônio dá lugar à compra de um patrimônio.

Partindo-se desse pressuposto, para fundamentar este estudo foram utilizadas as considerações teóricas de Hall (2006), Meireles (2014), Silva (2009), Duarte (2000), Cândido(1961), Lafetá (1946) e Nunes e Morais (2019).

2.0 SÃO BERNARDO E O BRASIL DA DÉCADA DE 1930

A década de 1930 trouxe para o Brasil uma série de mudanças acarretando, naquela época, para o país um panorama de incertezas e readaptações no campo político e social, tendo em vista que estava acontecendo em todo o país o declínio das oligarquias, a chamada República Velha e o nascimento da Era Vargas, trazendo consigo a Nova República.

Logo, o país passava por muitos problemas sociais, em especial, no Nordeste, uma vez que naquela época estava havendo uma das mais violentas secas que a região já havia passado e Paulo Honório, na obra São Bernardo, é a personagem que corporifica a burguesia nascente no sertão, representando, assim, o símbolo da modernidade, da revolução industrial e do capitalismo ascendente no Brasil.

Paulo Honório era o sujeito do iluminismo, aquele senhor de sua vontade e força, e com elas julga poder criar/mudar o mundo, dobrá-lo à sua energia.

Para Hall (2006, p. 11):

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele- ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

No decorrer da obra, percebe-se em Paulo Honório um proprietário rural que pouco a pouco vai aceitando e inserindo na São Bernardo os aspectos das mudanças capitalistas e políticas que aconteciam no país, pois o narrador-personagem embora fosse um senhor de terras, um coronel, possuía uma visão de empreendedor.

Desta forma, o fazendeiro entende que a monocultura não era mais a saída para as transações comerciais daqueles dias, por isso ele diversifica a produção, traz à São Bernardo energia elétrica, moderniza completamente a fazenda através de seu espírito capitalista e, por que não dizer ambicioso, modernizador.

Segundo Lafetá (1946, p.196):

Pois Paulo Honório, representante da modernidade que entra no sertão brasileiro, é o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente, empreendedor, cruel, que não vacila diante dos meios e se apossa do que tem pela frente, dinâmico e transformador.

Nesse sentido, Paulo Honório representa a ascensão rápida de um homem antes pobre e sem terras que repentinamente transformou-se num coronel, mostrando que estava havendo ali, naquela época, uma ruptura, uma quebra, para melhor dizer, uma crise na grande propriedade nordestina, uma vez que estava havendo a transição do antigo modelo de governo oligárquico (República Velha) para a chegada do Estado Novo com a Era Vargas, caso contrário, não teria como de forma fácil um homem pobre, sem recursos, transformar-se num importante proprietário de terras.

De acordo com Lafetá(1946, p. 202):

[...] o que podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, é que Paulo Honório simboliza, no interior do romance, a força modernizadora que atualiza de forma devastante o universo de São Bernardo[...] Paulo Honório é ali o dínamo que gera energia e arrebatava tudo, provocando uma completa e incessante modificação nas relações globais daquele mundo. Ação, transformação, sentimento de propriedade - a analogia é grande.

A obra se passa, portanto, na ruptura de um Brasil que acabou de passar pelo processo de abolição da escravatura e que está introduzindo novas práticas do capitalismo moderno, a nova divisão internacional do trabalho, embora ainda com hábitos arcaicos, que se apodera dos valores patriarcalistas do latifúndio, os valores da ordem social antiga como a brutalidade, a violência nas relações, o desprezo pela justiça, pela ética, o desprezo por tudo aquilo que faz parte da civilização.

Por outro lado, vemos ao mesmo tempo um Paulo Honório empreendedor, que possui em si a dialética entre o moderno e o antigo, um sujeito que tem noção da modernidade, mas que ainda carrega em si traços da antiguidade tanto no seu discurso, quanto nas suas ações, como, por exemplo, quando ele declara que “brigara com gente que fala aos berros e efetuara transações comerciais de armas engatilhadas.” (RAMOS, 1988, p.55).

Nesse sentido, a obra São Bernardo através da personagem Paulo Honório apresenta de forma clara e objetiva esse período de transição entre o velho e o novo, a decadência da antiga república, a chamada República oligárquica representada pelo coronelismo e seu velho sistema político e econômico que deu lugar à Revolução de 30 e ao novo sistema.

A derrocada final de Paulo Honório no fim do romance apresenta e simboliza um lado sócio-histórico que é a falência dos grandes latifundiários e representa ao mesmo tempo um lado pessoal, solitário, pois, nos últimos momentos do texto, observa-se o desfecho de um homem solitário e falido, abandonado pelos seus funcionários e esposa, demonstrando que mesmo com toda a sua garra e força de resistência, foi inevitável sucumbir ao sistema nos aspectos sociais, morais e, sobretudo, financeiros.

2.1 AS RELAÇÕES DE PROPRIEDADE DE PAULO HONÓRIO COM O TRABALHO, A FAZENDA E OS FUNCIONÁRIOS

Diferentemente do que aconteceu na Europa, no Brasil, as reflexões e os questionamentos sociais e de tudo que envolvia as relações sociais de um povo ocorreram através da literatura, e com a chamada “Geração de 30”, isso não se deu de forma diferente, tendo em vista que nessa época a explosão de crises econômicas, sociais e políticas que estavam acontecendo mundialmente fizeram os artistas daquela geração voltarem-se mais enfaticamente para as temáticas sociais que evidenciavam principalmente as desigualdades sociais.

Ao encontro dessas afirmações, Silva (2009, p.18) nos diz:

Na literatura, os reflexos desse contexto histórico são responsáveis por uma série de fatores estéticos e sociais apresentados nas obras, criticando as velhas estruturas de pensamento e se inserindo de forma cada vez mais aprofundada na realidade. É em meio a esse quadro que se desenvolve o romance de 30, retratando de forma mais crítica e abrangente um Brasil ainda pouco conhecido. As desigualdades sociais começam, então, a ser retratadas com vigor e realismo.

Essas velhas estruturas que representavam o domínio político unicamente das oligarquias agrárias foram trocadas então pelo aparecimento de uma nova estrutura político-social que modificou bastante a organização governamental da época e que ocasionou um declínio para os grandes proprietários de terras que foram representados pela personagem Paulo Honório, dono da fazenda São Bernardo.

De forma particular, na obra São Bernardo, vê-se claramente um homem simples, rude e sem escrúpulos que rouba, mata, mente e trapaceia sendo transformado num senhor de terras através de atitudes ilícitas e transações nada amigáveis como ele mesmo diz:

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lancinas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (RAMOS, 1988, p 187).

Sendo assim, é possível perceber que a sede de poder existente no coronel Paulo Honório o transformou num homem desumano, estúpido, capaz de praticar ações que se distanciavam de qualquer traço de sentimento humano.

Trilhando para o objetivo de ser cada vez mais rico, poderoso, senhor de tudo, proprietário de bens e de pessoas, a consciência de que deixara há tempos de ser humano e transformara-se num ser monstruoso era do conhecimento do próprio Paulo, que apresenta uma personalidade complexa, perturbada diante dos acontecimentos como vemos a seguir no trecho do romance: “A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que me deram lucro.” (RAMOS, 1988, p. 39):

O poder é visto pela personagem através de uma relação abusiva em que só existem dois lados: o do opressor e o do oprimido, sendo que este primeiro vai além dos limites de qualquer opressor em nome do sonho obstinado do poder.

O desejo de ascensão social impulsiona esse coronel dominador e cruel a ir até as últimas conseqüências e torna-se, inclusive, um assassino, já que para chegar a esse patamar de poderio, ele precisa eliminar tudo que queira atrapalhar seus planos e nisso estão inclusos coisas e pessoas, a citar, o assassinato de Mendonça em que comprovadamente ali é exercido o seu poder.

É notório que foi o comportamento abusivo e agressivo que o levou diretamente ao poder e esse comportamento desumanizado é justificado pelo narrador-personagem como sendo algo indispensável para que ele tenha conseguido chegar até ali:

Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus. Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuiria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. [...] E em manhã de invernos, [...] beberia um gole

de cachaça para espantar o frio e cantaria por estes caminhos, alegre como um desgraçado. RAMOS (1988, p. 46).

A ideia de poder é construída na personagem Paulo Honório diretamente ligado a atos de violência, já que a personagem elimina de forma violenta todo e qualquer tipo de obstáculo humano e material que porventura queira atrapalhar os seus planos, consolidando assim, um homem poderoso, e confirmando, conseqüentemente, a visão de que a violência é mais do que um mero traço do caráter de Paulo Honório, é fator decisivo para que ele obtenha esse poder.

Suas ações dominadoras determinam em si um coronel assassino da década de 1930, que apesar de possuir ideias modernizadoras a respeito de como vai liderar a sua fazenda, traz consigo as mesmas formas arcaicas de divisão do trabalho e de exploração do trabalhador do campo.

Essas ações dominadoras deixam evidente a existência de uma hierarquia na maneira como Paulo Honório lida com essa divisão do trabalho dentro da fazenda até mesmo no momento da escrita do romance como ele próprio diz nas primeiras linhas do romance: “Antes de começar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho”(RAMOS, 1988,p.7).

Através da função que cada um deveria estar determinado a executar, para a concretização conjunta do seu propósito em escrever sobre a sua vida, Paulo Honório lança uma lista de funcionários para a empreitada que ele pensava realizar: “(...) Somos lançados em meio a um torvelinho de nomes, ocupações, preferências e aptidões: Padre Silvestre, João Nogueira, Arquimedes, Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, o próprio narrador” (LAFETÁ,1946, p.189).

Mas a ideia de escrever o livro pela divisão do trabalho acaba sendo frustrada, pois o narrador compreende que não se entenderia com as pessoas envolvidas no plano, prosseguindo então no projeto apenas o leitor e o narrador, o que indiretamente mostra mais uma vez o poder exercido por Paulo Honório dominando até mesmo na descrição das falas das personagens que compunham a narrativa junto com ele.

Uma vez que é a própria descrição do opressor que narra os discursos das outras personagens, demonstra que essa relação de poder sobre tudo o que estava ao seu redor e sobre todos dava para ele o poder de silenciar o discurso do outro, que conseqüentemente, era reproduzido por ele, enquanto narrador, e assim mantinha o comando das vozes e dos sentimentos das personagens.

Em relação ao modo como Paulo Honório concebia a divisão do trabalho existente na manutenção da fazenda, este senhor de terras numa escala de funções e aptidões que cada um tinha segundo seu ponto de vista, conta direta ou indiretamente, por exemplo, com a velha Margarida, Luís Padilha, Cassimiro Lopes, Marciano, dentre outros para a ajudá-lo a manter seu plano ambicioso de poder e na acumulação de riquezas, uma vez que ele tinha todos esses aos seus pés, comandando para cada um deles uma função.

Cassimiro Lopes, por exemplo, seu jagunço é fiel como um cão ao patrão e tem a função de executar tarefas das mais cruéis possíveis como o assassinato de Mendonça, tarefa esta que o coronel não pode realizar para não manchar a sua imagem de homem íntegro e civilizado.

Há também a personagem Marciano, um pobre homem velho e doente, casado com Rosa, que por sua vez tinha encontros sexuais às escondidas com Paulo Honório.

Havia o padre Silvestre, um homem que fecha os olhos para algumas atitudes erradas de Paulo Honório em troca de benefícios de interesse pessoal e da manutenção da igreja.

Já o advogado João Nogueira era defensor particular das falcatruas cometidas pelo fazendeiro; enquanto o jornalista Azevedo Gondim serve a Paulo Honório à medida que escreve exatamente aquilo que o fazendeiro ordena.

Continuando sua lista de funcionários, tem o seu Ribeiro, que era um idoso que trabalhava como guarda-livros e fora trazido para a São Bernardo porque o narrador precisava de alguém para executar essa função na fazenda.

Não podemos nos esquecer de citar a preta velha Margarida que criou Paulo Honório, sendo, portanto, a única referência que ele tem de laço materno e que por este motivo ele manda buscá-la para servir de cozinheira em sua casa.

Há ainda Luís Padilha, antigo dono da São Bernardo, um homem fraco, submisso e que aceita os mandos e desmandos do novo dono da fazenda e por isso mesmo é do ponto de vista do narrador uma pessoa desprezível, que perde a herança recebida do pai e se transforma em presa fácil nas mãos de Paulo Honório uma vez que possuía inicialmente o objeto do seu interesse, que é a fazenda.

Por último, nessa extensa lista de pessoas subservientes a Paulo Honório temos a professora Madalena, que é a esposa escolhida para executar a função de procriar e ajudar Paulo Honório a dar um herdeiro para as terras de São Bernardo.

O romance São Bernardo foi escrito num momento em que as relações de trabalho e até mesmo as relações pessoais entre patrão (proprietários de terras) e funcionários eram extremamente patriarcalistas e dominadoras, visto que esses senhores de terras tinham dentro de si um sentimento de dominação sobre tudo e todos.

De forma corrupta e violenta como todas as transações que ele fez ao longo da sua vida, Paulo Honório se apropria das terras da fazenda São Bernardo de forma objetiva e cruel narrada como sempre pela ótica do próprio narrador, que obcecado pelo desejo de possuir as terras de outrem, age de maneira inescrupulosa e desonesta obrigando Padilha a fazer o negócio.

De acordo com Lafetá (1946, p.194):

E Paulo Honório:” Não espero nem uma hora.” A negociação que se segue é um jogo de negaceiros, avanços e recuos, propostas e contrapropostas. “Debatemos a transação até o lusco-fusco.” Afinal, mais forte nessa disputa com o tempo, Paulo Honório vence:” Arengamos meia hora e findamos o ajuste. Para evitar arrependimento levei Padilha para a cidade,

vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. (...) Não tive remorsos.

O sentimento de propriedade que sempre existira em Paulo Honório o fez agir de forma dominadora sobre todos e foi justamente essa personalidade dominadora existente na personagem que transformou ele de um simples guia de cego a fazendeiro. Seu primeiro objeto de desejo e do qual se apropriou foi a fazenda São Bernardo e tudo o que continha nela, inclusive os funcionários, que eram tidos por Paulo Honório como meros objetos de sua posse, sua propriedade.

Segundo Candido (1961, p. 33):

O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular.

Padilha ficara endividado com o dinheiro outrora oferecido pelo próprio Paulo Honório e vendo sua fazenda hipotecada e sentindo-se encurralado pelo rolo compressor que era Paulo e pela natureza dinâmica que ele possuía, não vê outra saída a não ser aceitar a dominação de Paulo e negociar a São Bernardo.

De acordo com Lafetá (1946, p.194):

Durante a festa dois momentos são assinalados: à noite Paulo Honório aconselha Padilha a cultivar S. Bernardo; de madrugada, bêbado, o rapaz já se mostra influenciado. E por fim, já no dia seguinte, decide-se a seguir o conselho, decisão que vai levá-lo a endividar-se, a hipotecar a fazenda e a perdê-la.

E assim, de forma direta e firme o narrador passa a vida a transformar as pessoas e os sentimentos em coisas mensuráveis, catalogáveis, sujeitas a valores de troca, a extirpar tudo o que ultrapassasse a objetividade ou a passividade das coisas, colocando desta forma o mundo aos seus pés e estabelecendo em todas as instâncias da sua vida uma relação de domínio.

Nesse sentido, é visível um sentimento de propriedade que já era inerente a ele em relação às pessoas que estavam à sua volta e trabalhavam para ele, sem poupar nem ao menos sua esposa que foi inserida na sua vida

com um único propósito: o de gerar um herdeiro para a fazenda São Bernardo como será abordado no tópico seguinte.

2.2 A RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO X MATRIMÔNIO: A APROPRIAÇÃO DE MADALENA

De personalidade enérgica, rica, dominadora, que avassala tudo e todos com sua vontade onipotente, a personagem Paulo Honório agora de posse da propriedade São Bernardo começa a ter novas preocupações, novos sentimentos de aquisição, uma nova posse, um nova conquista e um novo objeto para chamar de seu.

Movido por esse sentimento de propriedade, de acordo com Ramos (1988, p. 59), Paulo Honório diz:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar (...) O que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo.

Paulo Honório raciocina que precisa de um herdeiro para comandar a fazenda quando ele morrer, então, de posse dessa ideia, dominado por ideologias voltadas ao modo de produção capitalista moderno e sem colocar aí o mínimo resquício de sentimento no processo, o narrador prossegue agora rumo à aquisição de uma fêmea reprodutora que garanta para ele a perpetuação da sua descendência:

O casamento representava um negócio e a mulher, segundo suas próprias palavras, um "bicho esquisito", faria parte de suas propriedades, submetendo-se, também ao seu governo. A zoomorfização aparece aí como se a mulher fosse mais um bicho procriador, que lhe renderá crias — o almejado herdeiro — inclusive, o elenco de vocábulos que ele usa revela seu universo de proprietário rural e seu raciocínio de criador... DUARTE (2000, p.2).

O sentimento de propriedade que compunha o caráter de rolo compressor presente na figura da personagem Paulo Honório fazia dele um homem frio e tão desumanizado ao ponto de fazê-lo tratar o casamento como um negócio, fruto de mais uma de suas transações comerciais com o seu objetivo já determinado de unicamente gerar um herdeiro para as terras de São Bernardo.

Madalena passa a ser, conforme Lafetá (1946, p.200), “Objetivo do empreendedorismo de Paulo Honório.” e como todo bom empreendedor ele começa a sondar com o seu advogado João Nogueira informações a respeito do seu novo objeto de desejo como vemos a seguir:

Percorri a cidade, bestando, impressionado com os olhos da mocinha loura e esperando um acaso que me fizesse saber o nome dela. O acaso não veio, e decidi procurar João Nogueira, informar-me do nome, posição, família, as particularidades necessárias a quem pretende dar uma cabeçada séria. (RAMOS, 1988, p.70).

Após sondar sobre sua futura esposa, fruto do seu novo negócio, Paulo Honório começa a refletir que talvez a posse de Madalena não fosse a decisão certa a ser tomada porque percebe, através de algumas informações dada num determinado momento de uma conversa sua com Azevedo Gondim, que ela não possuía exatamente o estereótipo de esposa que se encaixaria dentro dos seus planos, como se observa abaixo:

-Ô Gondim, você me falou há tempo numa professora. -A Madalena? -Sim. Encontrei-a uma noite destas e gostei da cara. É moça direita? (...) -Mulher superior. Só os artigos que publica no Cruzeiro! Desanimei: - Ah! Faz artigos! -Sim, muito instruída. Que negócio tem o senhor com ela? -Eu sei lá. Tinha um projeto, mas a colaboração no Cruzeiro me esfriou. Julguei que fosse uma criatura sensata. (RAMOS 1988, p.70).

A apropriação, a posse de um patrimônio que passaria a ser seu, no caso a esposa Madalena, não poderia lhe trazer aborrecimentos, nem em nenhum momento sair do seu controle, por isso, após ouvir essas informações de Gondim a respeito das ações de Madalena, o narrador fica com dúvidas se deve prosseguir com a ideia da aquisição do seu novo empreendimento envolvendo a participação da moça.

Imbuído por uma personalidade voltada para os valores mercantilistas, Paulo Honório encara a ideia de casar-se com Madalena meramente por interesses pessoais, particulares, por isso o matrimônio que dali em diante ocorreria, seria, na verdade a apropriação, a posse de um patrimônio como fora com a fazenda São Bernardo.

Como diz Duarte (2000, p.3):

... Levado ainda por uma finalidade egoísta, típica de um proprietário, Paulo Honório pretende se casar: é preciso ter um filho que seja o herdeiro das riquezas que ele acumulou. Não é o amor que o move, pois os egoístas não conhecem o amor, ele busca a mulher como quem busca um objeto, uma propriedade.

De decisão tomada, o narrador então foi avante com o seu projeto e imediatamente começou a frequentar a casa de Madalena, para de uma vez por todas finalizar a transação do matrimônio, tendo em vista que agora já tinha a convicção de que ela seria uma procriadora em potencial para gerar um bom herdeiro para a São Bernardo: "(...)Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem pão. Conheço o meu manual de zootecnia."(RAMOS,1988, p.87).

Em primeira instância, Paulo Honório tenta comprar dona Glória com a ideia de contrair o patrimônio Madalena através do casamento, mas não obtém por parte da tia de Madalena a aprovação que esperara,pois enquanto esse trata o casamento como mera transação comercial,Dona Glória deixa bem claro para o fazendeiro que o matrimônio vai muito além de um negociação em que se tem o comprador, o vendedor e o objeto de compra:"-Quanto a mim,acho que em questões de sentimento é indispensável haver reciprocidade."(RAMOS,1988, p.87).

Determinado a não desistir do negócio, Paulo agora vai até a casa de Madalena e como ele mesmo diz, "sem ardeio" confessa para ela quais suas verdadeiras intenções:

(...)-Reconheço. E venho trazer-lhe outra proposta. Para ser franco, essa história de escola foi tapeação. (...) -Está aí, resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra...Sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez...(...)A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda,econômica,sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família. (RAMOS 1988, p. 62).

Diante deste dilema temos aí duas pessoas que pensam politicamente de maneiras bem opostas: Se de um lado temos um homem essencialmente burguês, dono de fazenda, latifundiário, um capitalista selvagem, voltado totalmente para ideais capitalistas, em contrapartida, do outro lado, temos uma

professora com ideais socialistas e que por este motivo no primeiro momento resiste um pouco ao convite de Paulo Honório.

Dando continuidade ao processo de negociação do seu patrimônio, que seria realizado através do matrimônio, Paulo Honório como um bom negociante começa a mostrar a Madalena as vantagens do negócio que ambos estariam prestes a fechar, enfatizando para ela que na São Bernardo ela e sua tia teriam uma vida mais confortável, no entanto foi confrontado pela sinceridade de Madalena como lê-se:

(...)-Mas por que não esperar mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor. -Ora essa, se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia. -Não há pressa. Talvez daqui a um ano...Eu preciso preparar-me.-Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte quatro horas...-Madalena sorriu, irresoluta. - Está bem. (RAMOS 1988, p.73).

Nesse momento do diálogo entre os dois, percebe-se um detalhe bastante relevante: que mesmo aparentando defender ideias socialistas, Madalena vende-se para Paulo Honório como um objeto, pois ela mesma admite através da sua fala que não existe amor entre eles e recebe dele a resposta que jamais acreditaria que existisse amor entre eles pelo menos naquele momento; desta forma, o “sim” de Madalena é consentido apenas por interesses particulares de um e de outro.

Segundo Lafetá (1946, p.201):

É de novo a ação decidida, o gesto oportuno, a rapidez e o conhecimento do instante propício que tornam Paulo Honório vitorioso. Aqui ele parece triunfar novamente, e parece apossar-se de Madalena. As dificuldades cedem sob sua força e o mundo se curva à sua vontade.

Assim como fez com Luis Padilha, quando decidiu que de todo jeito seria proprietário da São Bernardo, da mesma forma Paulo Honório agiu com Madalena, tratando-a naquele momento como uma peça de mercadoria que estava ali para ser comprada por ele e como todo bom comprador, como um experiente negociante, ele não queria prazos para negociar, tinha que ser do seu jeito e na sua hora.

A insistência de Paulo Honório para que fosse Madalena a genitora de um descendente para a São Bernardo é o fato de Madalena ser uma mulher culta, letrada que supriria a deficiência que o narrador tinha em relação aos estudos, mas que aliado a outros conhecimentos de mundo que ele tinha, certamente geraria um bom herdeiro, por isso as diferenças existentes entre ambos não seriam do ponto de vista de Paulo, um problema, como ele próprio afirma num de seus diálogos com Madalena:

-Deve haver muitas diferenças entre nós.-Diferenças?E então?Se não houvesse diferenças,nós seríamos uma pessoa só.Deve haver muitas.Com licença,vou acender o cachimbo.A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo...(RAMOS, 1988, p.89).

Ainda segundo Duarte (2000, p. 4):

Procurando uma mãe para o herdeiro de São Bernardo, Paulo Honório age como quem procede a uma pesquisa de mercado, avaliando as possíveis candidatas sem que nenhum sentimento o inclinasse para qualquer uma. Interessava-lhe uma procriadora saudável que gerasse um herdeiro forte. Seu distanciamento dos assuntos sentimentais era tal que ele, além de se confessar incompetente para a elaboração da candidata, cansa-se logo do assunto, ocupando-se de outros de maior relevância como é o caso do Pereira.

Após o casamento, em outras palavras, após apossar-se de Madalena como seu dono, Paulo Honório quer controlá-la impondo-a certa identidade feminina, pois como seu marido, esperava da esposa ações, opiniões, crenças e valores iguais aos seus, ou ao menos que não se sobrepunha às suas ideias, mas para seu descontentamento e desgraça dos seus próximos anos, Madalena inicialmente tenta resistir a esta dominação, daí surge o conflito.

Talvez pela opressão que sofrera durante todos os anos que passou casada com Paulo Honório ou mesmo pelo modo patriarcalista de pensar em relação aos direitos e deveres de mulher e marido naquela época em que foi escrito o romance, Madalena, pelo menos aparentemente, consciente ou inconscientemente cede ao processo de “coisificação” em que o marido a submetera e aceita ser objeto de reificação do narrador, uma vez que permaneceu casada com ele e que isso só cessou no momento de sua auto-imolação.

3.0 REIFICAÇÃO DE MADALENA

3.1 OBJETIFICAÇÃO DA MUHER

Madalena foi uma professora primária que atuou na década de 1930, defensora das ideias socialistas, possuía dentro de si um altruísmo, um caráter humanitário, era uma mulher honesta, sincera, que se preocupava não apenas consigo, mas com o bem-estar geral.

Era notório o quanto ela interessava-se pela vida dos empregados, discutia as baixas condições de vida de alguns, questionava as ações e intenções do marido e que por este motivo torna-se motivo de grandes preocupações dele, já que o narrador-personagem possuía ações antagônicas às da mulher que ele idealizava ter.

O fazendeiro, que desejara apenas ter um útero em que pudesse gerar seu herdeiro, achando que havia feito um bom negócio quando fez a transação do casamento, vê agora, ameaçada, a força dominadora do homem como chefe familiar, o ser masculino, associado ao pensamento de autoridade devido à sua força física, que assume o poder dentro da sociedade, originando, assim, as sociedades patriarcais.

Como todo homem daquela época, com ideias tradicionalistas, hierárquicas, Paulo Honório coloca mais uma vez em prática o sentimento de reificação sobre si mesmo e sobre os outros, mas Madalena resiste firmemente a entrar no duro jogo da reificação do marido, como aponta Lafetá (1946, p.204): “Como Madalena inicialmente se recusa a se alienar, entrando no jogo da reificação, os choques são inevitáveis.”

E disso decorre a primeira briga do casal ainda nos primeiros momentos do casamento, mais precisamente no oitavo dia, quando ela começa a se envolver nas decisões da fazenda e argumenta com o seu marido que seu Ribeiro mereceria receber um salário mais justo, o que gera uma reflexão por parte do narrador: “Um bate-boca oito dias depois do casamento! Mau sinal” (RAMOS, 1988, p.101).

Assim, dia após dia, o caráter altruísta de Madalena vai se confrontando com o modo de pensar egoísta e reificador de Paulo Honório, que segue determinado a colocá-la na função apenas de procriadora do seu filho, enquanto esta segue tentando através da convivência mudar o pensamento do marido que reifica a tudo e a todos e que trata a esposa unicamente como um objeto, uma “coisa” que pode e deve ser manipulada por ele já que ele a comprou.

Segundo Lafetá (1946, p. 203):

Tal é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o mundo. Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipula à vontade e possui...

Ainda sobre a ideia de reificação, Lafetá (1946, p.204) afirma que: “A reificação é um fenômeno primeiramente econômico; os bens deixam de ser encarados como valores-de-troca e portanto como mercadorias.” e é desta forma que ele enxerga a esposa, como a sua mercadoria, seu produto.

De acordo com as ações que vão sendo descritas, Paulo Honório não desiste em nenhum momento de reduzir a esposa apenas ao papel de objeto possuído, mas ela, por sua vez, resiste a isso, como bem analisa Lafetá (1946, p.205): “Madalena se recusa à reificação e Paulo Honório se espanta. Já não compreende a mulher, sente que ela não joga de acordo com as regras de seu jogo. Sua irritação vai num crescendo constante...”

Mesmo que tenha sido inicialmente forçada, ela de forma consciente aceitou a negociação do casamento e sabia que se estava casando sem amor, estava automaticamente aceitando ser um produto, ser reificada pelo marido, apresentando, contudo, certo dualismo no seu modo de pensar já que se ela aceitou um casamento em que não predominava sentimentos e, sim, interesses particulares de ambos os lados, então ela não era tão avessa ao capitalismo como demonstrava.

Madalena estava inserida numa época em que a mulher era totalmente subserviente às vontades do marido, era submissa, falava pouco ou quase não

opinava sobre nada, que tinha um papel de colaboradora do marido apenas nas questões que se referiam aos cuidados da casa e na criação dos filhos.

De acordo com Nunes e Morais (2005 *apud* MEIRELES, 2014, p. 45):

Madalena não tem o perfil da dona de casa, que satisfazia os padrões daquela época. Ela quer mais do que administrar uma casa; quer expor-se, ser útil publicamente, utilizar seus conhecimentos em benefício das pessoas. Toma parte nas conversas entre homens, porque é capaz de falar em pé de igualdade ou de superioridade. Preocupa-se com a escola que existe na fazenda; critica a metodologia utilizada pelo professor, sugere a aquisição de material didático.

De personalidade avessa ao marido, Madalena passa a ser então a única coisa que Paulo Honório possui e que não consegue transformar em quantidade, pois ela não se dobra aos seus pensamentos tendo em vista que ela tinha suas opiniões formadas.

Esse sentimento de posse em relação à mulher e o fato de cada vez mais ela demonstrar interesse nas ações que cercavam a fazenda que faz com que o protagonista comece a ter pela esposa um novo sentimento: o ciúme doentio, a desconfiança de que sua esposa era uma adúltera, embora em sua fala ele reconheça que tudo isso é culpa dele como se confirma abaixo:

Sou um homem arrasado (...) Nada disso me traria satisfação (...) Quanto às vantagens restantes - casas, terras, móveis, semoventes, consideração de políticos, etc. - é preciso convir em que tudo está fora de mim. Julgo que me desnorteei numa errada (...) Estraguei minha vida estupidamente (...) Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. (RAMOS, 1988, p.173)

O ciúme doentio e assassino de Paulo Honório se dava muito mais pela incompatibilidade de personalidades que havia entre eles, do que por qualquer traço de adultério existente em Madalena.

Cada vez que Madalena confrontava as decisões do marido e resistia à reificação a que ela mesma tinha se submetido, mais a cólera do ciúme de Paulo Honório o tornava cego e insano ao ponto de imaginar que o seu filho não era seu herdeiro, pois não parecia com ele, como percebemos em sua fala:

Afastava-me, lento ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros. Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato. Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem. (RAMOS, 1988, p.135)

O filho que tinha sido o motivo principal da junção entre Madalena e Paulo Honório agora era mais um dos motivos que tiravam a paz daquele patriarcalista machista que andava desconfiado, passara a ouvir vozes e considerava que qualquer atitude à sua volta era digna da sua suspeita: “Os fatos mais insignificantes avultaram em demasia. Um gesto, uma palavra à toa logo me despertava suspeitas.” (RAMOS, 1988, p. 135)

Tendo em vista a oportunidade de ter um futuro mais sossegado, a professora avança com sua decisão acreditando que a convivência com Paulo Honório mudaria seu jeito duro e mesquinho de agir, mas quando percebe que seu marido é um “dínamo enlouquecido”, ela se arrepende e dali em diante, decide tirar a própria vida como sendo a única maneira de se livrar daquele processo de reificação a que ela própria havia consentido.

3.2 VITÓRIA DA REIFICAÇÃO E DERROTA DE PAULO HONÓRIO

Após dois anos de casados, as desconfianças de Paulo aumentam gradativamente e ela se convence de que jamais conseguiria mudar o jeito de agir do seu marido e tirar da mente dele a ideia de que todos os homens que freqüentavam a casa eram na verdade seus amantes.

De acordo com Ramos (1988, p. 150):

O advogado João Nogueira, que estava na casa do Dr. Magalhães quando Paulo Honório a vira pela primeira vez; Dr. Magalhães, um “homem idoso!”; Padre Silvestre, que passara por São Bernardo: “Eu fiquei de orelha em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalo amarrado também come”.

É possível afirmar que Madalena fora reificada, uma vez que permaneceu no casamento acatando os mandos e desmandos do marido, que silenciou todas as vezes que recebeu acusações, mesmo sendo agredida verbalmente por ele em diversos momentos, derrotada pela própria vida que

escolheu, idealizando quem sabe mudar aquele homem de coração duro e como ele mesmo diz “agreste”.

Quando cai em si, Madalena enxerga que seu amor não será suficiente para transformar aquele dínamo emperrado numa pessoa menos bruta, não consegue tirá-lo da sua desumanidade e decidida a desistir de viver porque enquanto ser humano não aguenta mais aquela pressão psicológica a que é submetida, então decide tomar uma atitude: cometer o suicídio. Segundo Lafeté (1946, p.206):” A solução do conflito, desfecho da narrativa, é a morte de Madalena, vitória da reificação que destrói o humano, derrota de Paulo Honório.”

Madalena começa, então, a escrever uma carta de despedida para o marido e seu ato de voltar atrás na decisão de aceitar ser reificada tirando a própria vida leva à destruição de uma vez por todas da vida de três pessoas: a de Madalena, a de Paulo Honório e a do filho que já estava desde o nascimento abandonado pelos dois e agora perdera definitivamente as referências de pai e mãe que um dia poderia ter.

A carta de despedida que Madalena escreve para Paulo Honório é endereçada a Azevedo Gondim, o que deixa o marido furioso ao ponto de agredi - lá verbalmente chamando-a de “galinha”, exigindo, conseqüentemente, explicações sobre o conteúdo daquela carta, mas neste momento a resposta que ela deu foi de que no momento certo ele saberia o que estava escrito.

Certo dia, aproveitando as belezas naturais da fazenda e passeando entre as laranjeiras, Paulo Honório encontra no chão uma folha que seria parte de uma carta escrita pela mulher, imediatamente vai à sua procura para tomar satisfação e exigir explicações, encontrando-a na Igreja.

O que se segue nas próximas linhas da narração é que Madalena ao ser indagada sobre a quem se destina aqueles seus escritos, responde: “O resto está no escritório, na minha banca. Provavelmente esta folha voou para o jardim quando eu escrevi.-A quem? -Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá.”(RAMOS, 1988, p.150).

A vitória da reificação de Paulo Honório sobre a personagem Madalena dá-se mais uma vez a partir do momento em que a esposa explica-lhe calmamente sobre a tal carta e inclusive lhe pede perdão pelos aborrecimentos que causou ao marido, ou seja, Madalena toma para si a culpa do comportamento doentio do narrador e justifica que sabe que fora o ciúme que estragou tudo, como descrito em Ramos, (1988, p.160): “ - O que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo.”

Na manhã seguinte a esse diálogo que acontece entre as duas personagens, Paulo ouve gritos desesperados vindos lá de dentro da casa e ao entrar no seu quarto, encontra a cena descrita: “(...) Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca.No soalho havia mancha de líquido e cacos de vidro.”(RAMOS, 1988, p.165)

O que se segue nas próximas ações é muito mais do que a confirmação da autoimolação da mulher objetificada: É a vitória da reificação de Paulo Honório sobre Madalena. É o sentimento de propriedade em seu mais alto potencial sendo exercido, é, sobretudo o poder de dominação do opressor sendo vencido pelo cansaço psicológico consciente ou inconscientemente do oprimido.

Paulo encontra ali a carta de que havia falado anteriormente com Madalena, uma carta de despedida que Madalena havia feito para o marido:

Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-o.Era uma carta extensa em que se despedia de mim.lia-o, saltando pedaços e naturalmente compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que a minha ignorância evita.Faltava uma página:exatamente a que eu trazia na carteira, entre faturas de cimento e orações contra maleitas que a Rosa anos atrás me havia oferecido.
(RAMOS, 1988, P. 165)

Após a morte de Madalena, a fazenda começa a entrar num processo de declínio assim como a vida de Paulo Honório, ludibriado por suas escolhas vê agora fugir do seu domínio o controle da sua vida.

Assim como Paulo Honório, Madalena, que ambiciona ter com a sua tia uma vida mais “confortável”, não pensou que teria que lidar com situações que ultrapassariam suas preferências ideológicas e políticas.

Reféns dos caminhos que trilharam seguir, os dois encontram pela frente as conseqüências desastrosas das suas escolhas; personagens derrotados pela força dos sentimentos, cada um a seu modo, vencidos pela própria vida que escolheram trilhar.

Segundo Lafetá (1946, p. 207):

O desfecho, se elimina fisicamente Madalena, destrói por completo a vida de Paulo Honório. Agir, mandar, cultivar São Bernardo, nada disso terá mais sentido para ele. O mundo desgovernou-se, só lhe resta sentar e buscar, compondo a narrativa de sua vida, o significado de tudo que lhe escapa.

Ao final da obra, o leitor é levado a concluir que a presença de Madalena trazia vida para aquele ambiente hostil, pois após sua morte a fazenda parece pouco a pouco entrar num processo de falência, uma vez que todos que moravam ali vão embora Dona Glória, Seu Ribeiro e até o submisso Padilha.

Nesse mesmo período dá-se início a Revolução de 1930 em que de acordo com Lafetá (1946.p.208): “Com a revolução o mundo de Paulo Honório descaminha de forma definitiva: O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estrupício.”

Dali em diante, Paulo Honório passa a ter dificuldades nos negócios e fica abandonado, sozinho com os seus pensamentos, as suas inquietações e seus questionamentos do que deveria e não deveria ter sido, de acordo com Lafetá (1946, p. 209): “E, enfim, o mundo a revelia fora do seu controle.”

Temos nesse momento a imagem de um anti-herói que, pelo dinamismo da força do seu poder de reificação sobre si e sobre Madalena vê-se agora derrotado, impotente diante dos acontecimentos, sem forças para prosseguir, pois se antes era ele quem determinava a direção de tudo, agora ele é guiado pela força da sua dor e pela presença do fantasma de Madalena que o leva a refletir em seus momentos de humanização como tudo teria sido diferente caso ele não tivesse sido aquele homem como ele mesmo declara “egoísta” e “brutal” que o mundo teve que aguentar:

-Estraguei a minha vida estupidamente. -Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria

exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige. (RAMOS, 1988, p. 194):

Desta forma, o romance chega ao fim mostrando que Madalena poderia ter representado para Paulo Honório a oportunidade de mudanças enquanto ser humano, da valorização do “ser” em lugar do “ter” em meio a um mundo dominado pelas ideologias burguesas.

Nesse contexto, Paulo Honório é reificador daquele mundo que ele construiu em torno da São Bernardo, homem de gestos, pensamentos e atitudes rudes que foram banalizados pela força da repetição do cotidiano, que poderia ter encontrado no amor de Madalena a oportunidade de voltar a possuir ações humanas.

Lamentavelmente, a avidez de Paulo Honório deu lugar ao ciúme que destruiu a vida dele e de Madalena e o papel de salvação que ela poderia ter cumprido na vida do narrador infelizmente não aconteceu nem mesmo com a sua morte.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho nosso objeto de análise foi o estudo de alguns aspectos relevantes na obra São Bernardo como o processo de reificação de Madalena, sua morte e a derrota de Paulo Honório frente às consequências desse processo de troca de valores humanos observadas principalmente pelo comportamento de Paulo Honório e suas ações acerca das relações de propriedade com o trabalho, com a fazenda São Bernardo, com os seus funcionários, com o matrimônio e com a apropriação de Madalena.

As percepções de fala descritas pelo narrador-personagem nos deram margem para avaliar as relações de poder e domínio que Paulo exerceu sobre Madalena e sobre todos que estavam à sua volta, sua ascensão e a sua destruição ocasionada por esse mesmo sentimento de poder e propriedade sobre o outro.

Ao final de nossa análise, através da narração do opressor (Paulo Honório) vimos o esquema formado em torno desse anti-herói, seu sentimento

de propriedade unificador que mantinha o mundo aos seus pés, seus momentos de reificação e seu poderio atrelado às personagens que foram reificadas por ele ao longo da narrativa, além do desfecho fatal e cruel disso que é a destruição de si e do outro atrelado ao abandono que a personagem Paulo Honório sofreu por todos que eram reificados por ele depois da morte de Madalena.

É possível concluir que a inserção de Madalena no mundo de Paulo Honório e sua necessidade de reificação sobre ela e sobre tudo poderia ter dado a ele outro final caso tivesse se voltado novamente para os sinais vitais humanos que ele perdeu antes mesmo da chegada de Madalena em seu mundo reificador.

Através do amor da esposa Paulo Honório poderia ter se permitido ser transformado novamente num ser humanizado, sem que chegasse ao extremo da autoimolação dela, mas ele mesmo reconhece que se tivesse que viver tudo aquilo novamente, que seria o mesmo, que não mudaria em nada as suas ações e o seu jeito.

Certamente que esta é apenas uma colaboração acerca dessa análise de que se dispôs o trabalho e importa ao leitor saber que há uma vasta fortuna crítica acerca desse ponto de observação da obra e que merecem ser analisadas como forma de aprofundar e endossar as afirmativas do texto visto.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **Ficção e confissão**. São Paulo, 1961.

DUARTE, Zuleide. **Espéculo**. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. 2000.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAFETÁ, João Luiz. **O mundo à revelia**. ed. Rio. Record. 1946

MEIRELES, Ana Carolina Ribeiro. **Análise da obra 'São Bernardo' de Graciliano Ramos à luz do direito da mulher: Paulo Honório e a caracterização da opressão de gênero**. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 19, n. 4140, 1 nov. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/30484>. Acesso em: 19 jul. 2019.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Mulher e Educação e sua representação na obra de Graciliano Ramos**. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0531.pdf>. Acesso em 5 de jun. 2013.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**: posfácio de João Luiz Lafetá. ed. Rio. Record, 1988.

SILVA, Janaína Ângela da. **Contrapontos entre o masculino e o feminino em São Bernardo**, de Graciliano Ramos. João Pessoa, 2009. Disponível em: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1515, acessado em 28/08/2014.